

*Não se perder no “coração das trevas”, mas no íntimo do negro: às trevas, regressa-se descendo ou subindo o grande rio, viagem à estranheza que somos para o que nos rodeia: a nossa própria estranheza. O mal está nos olhos abertos que outros olhos olham, o mal é a reciprocidade, essa procura frustrada do semelhante, de um semelhante que foi perdendo o reconhecimento e transformou em peças tudo o que o rodeava, peças para as quais tinha unicamente os poucos nomes de uma semelhança quase esquecida. A morte já nem sequer lhe era familiar, mas um objecto, no interior da cabana ou no terreiro desbastado à volta dela, onde por vezes tropeçava. Ou todos os objectos eram a morte? As trevas tinham afinal a luz que aquele que subia ou descia o rio procurava. Mas o negro não tem uma luz que nos indique que chegámos ou que vamos a caminho, não se viaja ao “coração do negro”, não nos aproximamos dele, estamos ou não estamos nele, não se aprofunda, muda-se de negro: há o negro do cabide e o negro do fato pendurado, há o negro do bengaleiro e o negro da faia, e o negro da sombra da faia, há uma paleta de negros: escolhe o teu negro, mas não te equivoques, passas somente de um a outro, qualquer vida passa, não é uma metáfora: és tu e aquilo em que te hás-de*

*tornar. Não serás o último nem o primeiro, unicamente um dos muitos negros de uma história qualquer. Abres um livro e vês um retângulo negro, fecha-lo e voltas a abri-lo: o negro escorre pelos azulejos de uma parede, mas o que ainda podes dizer é: o negro-tinta escorre pelo negro-azulejo. Aos diferentes negros damos diferentes nomes, para que haja desertos e florestas, oceanos e rios, e folhas secas de castanheiro, o negro-único dos olhos de quem amas, e o negro-luto que afinal é um negro entre muitos negros, porém trevas só as há no homem, são a sua “humanidade”, é preciso transformá-las em negro, talvez assim o olhar dos homens se torne habitação, ou seja, chegar e partir e querer regressar, o negro das coisas são metástases das trevas? ou as trevas são metástases do negro das coisas? Não sei. Também ouço falar do verde das árvores, e do azul do mar, e do ocre das falésias, e da cor de alguns olhos, não sei, talvez as trevas sejam afinal o negro-trevas, talvez, talvez nada escape ao negro, nem sequer as trevas, escapar aqui não é fugir, significa somente que tudo é, quando fechamos obstinadamente a boca imobilizamos cada negro no seu sítio, e ele torna-se espesso, afunda-se até ser o negro-espessura: cautela, não tropeces nele e caias, na verdade o que nos querem dizer é: fala, fala, para não te desequilibrares e caíres, olha um gato preto: murmura alguém a teu lado, e de súbito descobres que não há gatos negros, não há o negro-gato, há o preto-gato, e continuas a conversa interrompida: afinal alguma coisa escapou, o preto-gato é furtivo e mimético: confunde-se com o negro por onde passa, às vezes esconde-se nele, isto é, imobiliza-se e desaparece, ou será que cada negro alberga o seu preto-gato? será que aquilo que existe é o preto-gato e não o negro?, e o velho deitado na cama começa a rir, leva a mão à boca para tapar a falta de dentes, e ri contra o côncavo da pele que fica molhada de cuspo, está a rir de quê? : pergunta a enfermeira, e o negro-Deus?*

*A noite oscura? A ausência de Deus é negra ou preta? Opereta? Ou Deus tem uma cor sem nome que não é mais do que um negro separado de todos os outros? Há o negro-resposta de “quem se eu gritasse me ouviria”, de “quem és tu?”, de “quem nos ama não menos nos odeia”, de “quem me abandonou?”, de “por quem os sinos dobram”, de “quero saber quem és”, há um negro-morto, que é negro-aqui, negro-ali, ao longo da vida, o negro de todas as perguntas e do silêncio de todas as respostas, num jogo de escondidas. Abre e reabre os olhos: o negro em construção, o negro-quase, abre e reabre: o enorme insecto da profundidade. Esfomeado.*

Trouxeram-no para este quarto, e foram reconstruindo peça a peça a sua vida: primeiro um saco de plástico cheio de líquido amarelado, depois um tubo, uma agulha espetada nas costas da mão, adesivos no peito e nos pulsos, uma mola no dedo indicador, uma máscara, uma botija. Cada objecto que lhe acrescentavam era como se lhe aspirassem do corpo um pedaço daquilo a que se chama vida, e assim, pouco a pouco, a sua vida foi passando para instrumentos precisos e sem equívoco: uma exuberância, quase um luxo.

Ou moscas esvoaçando sobre a cabeça apodrecida de um peixe?

:

*O grande bode ocupava.*

:

Não pode levantar-se, abrir a janela. E saltar. A sua vida rodeia-o. Prende-o. E obriga-o. A ficar deitado na cama, a ver, pingo a pingo, o soro espesso a desprender-se do saco, a bater na parede de plástico do tubo, e a escorrer gorduroso por ela: está prisioneiro da sua vida, se se mexer, os eléctrodos arrepanhar-lhe-ão a pele, as agulhas mover-se-ão na carne, os sons aumentarão de volume, aflitos, e uma máscara aparecerá à porta: que é isto? sente-se bem?, atravessará o

quarto, ajeitará fios, verificará fichas, o volume de soro no  
saco enrugado, e por fim alisará a dobra lisa do lençol.

:

Este é o tempo em que as sombras não têm uma mão que as  
guie, nem um cão que as guarde.

Vagueiam.

Misturam-se.

Quem é?

Quem é quem?

:

*Corre. Veloz, dissolve-se na rapidez.*

:

*Escorregava ao longo do tronco da gamboeira,  
os pés tocavam a lama do curral.*

*O grande bode não se mexia.*

*Deus desmoronara-se sem que ele se tivesse apercebido,  
se calhar Deus nunca lá estivera,*